

SEJA OBCECADO OU SEJA MEDIANO

GRANT CARDONE

Autor do best-seller *10X: A REGRA QUE FAZ A
DIFERENÇA ENTRE O SUCESSO X FRACASSO*



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2020

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 A OBSESSÃO SALVOU MINHA VIDA – E VAI SALVAR A SUA	7
CAPÍTULO 2 A OBSESSÃO É SUA ÚNICA OPÇÃO	21
CAPÍTULO 3 COM O QUÊ FICAR OBCECADO	39
CAPÍTULO 4 ALIMENTE A FERA	51
CAPÍTULO 5 MATE A DÚVIDA DE FOME	67
CAPÍTULO 6 DOMINE PARA VENCER	93
CAPÍTULO 7 SEJA PERIGOSO	111

CAPÍTULO 8	129
OBCECADO POR VENDAS	
CAPÍTULO 9	141
PROMETA MUITO E ENTREGUE DE MAIS	
CAPÍTULO 10	159
MONTE UMA EQUIPE OBCECADA	
CAPÍTULO 11	183
SEJA CONTROLADOR	
CAPÍTULO 12	193
OBCECADO PELA PERSISTÊNCIA	
CAPÍTULO 13	205
OBSESSÃO PARA SEMPRE	
RECURSOS	217
GLOSSÁRIO	219
REFERÊNCIAS	225

CAPÍTULO I

A OBSESSÃO SALVOU MINHA VIDA – E VAI SALVAR A SUA

Para que você entenda como me tornei bem-sucedido e descobri o maravilhoso poder da obsessão, primeiro, preciso mostrar como negá-la quase arruinou minha vida.

Não é uma história bonitinha, mas é minha história real. E eu não me surpreenderia se você encontrasse alguns paralelos com sua própria vida.

AS RAÍZES DE MINHA OBSESSÃO

Eu não tive um pai para me guiar para a terra dos ricos, me emprestar 1 milhão de dólares para minha primeira compra de imóvel, ajudar com conexões políticas me apresentando a pessoas em clubes seletos, nem me mostrar os caminhos dos negócios.

Meus pais eram filhos de imigrantes italianos que chegaram aos Estados Unidos no começo dos anos 1900. Papai foi o primeiro em sua família a ir para a faculdade. Ele foi um jovem ambicioso com um espírito empreendedor e acreditava que o sonho americano estava ao seu alcance, começando com uma pequena mercearia que ele e minha mãe operavam.

Meu pai era obcecado pelo sucesso porque ele acreditava que cuidar da família era seu primeiro dever. Desde bem cedo, percebi que a missão número um na vida do meu pai era sustentar a família: colocar um teto sobre nossas cabeças e garantir que tivéssemos comida, roupas e estudos.

Alguns anos antes de eu nascer, papai assumiu um ambicioso plano de dar início à sua própria companhia de seguros com alguns sócios. Não sei todos os detalhes do que aconteceu com essa companhia, mas os sócios o chutaram e ele acabou em uma situação difícil. Aos 42 anos de idade, meu pai se viu sem trabalho, com três filhos para sustentar e minha mãe esperando gêmeos (eu e meu irmão gêmeo, Gary). Ele teve que recomeçar. Decidiu usar o pouquinho de dinheiro que tinha na poupança para se tornar corretor de ações certificado, embarcando em mais uma nova carreira.

Graças à sua ética profissional e sua obsessão em sustentar a família, a nova empreitada começou a compensar. Ele comprou um carro novo, um Lincoln Town Car, do qual se orgulhava muito. Logo depois do meu aniversário de oito anos, nós nos mudamos para um novo lar: uma propriedade de pouco mais de meio hectare à beira de um lago. Possuíamos um barco de pesca, uma moto aquática e um trator cortador de grama. Médicos, que na época eram as pessoas mais bem-sucedidas da sociedade, eram nossos vizinhos. O trabalho árduo e o sucesso do meu pai na corretora de ações colocou nossa família na classe média. Eu frequentemente escutava meus pais conversando sobre como “tínhamos conseguido”. Mesmo sendo criança, sabia que algo especial tinha acontecido.

Os dois anos seguintes com minha família naquela casa à beira do lago foram uma parte maravilhosa da minha infância... mas não durou muito. Apenas um ano e meio após ter comprado sua casa dos sonhos, ele morreu jovem, aos 52 anos, de uma doença cardíaca.

Minha mãe se viu viúva aos 48 anos, com cinco filhos, um pouco de dinheiro do seguro de vida e uma casa grande no interior que exigia atenção constante. Ela não tinha nenhuma habilidade profissional que pudesse usar no mercado de trabalho para conseguir uma renda para casa; havia dedicado sua vida a ser mãe e esposa. E, agora, tinha que descobrir como conservar o

dinheiro que meu pai havia deixado e fazê-lo render até os filhos se formarem na faculdade.

Foi um grande desafio, já que ela não tinha formação superior e nenhum potencial para obter renda. Ela tinha crescido durante a Grande Depressão e não queria ver sua família passando dificuldades como as pessoas daquela época. Então, ficou obcecada, eu diria, com garantir que o pouquinho de dinheiro que meu pai tinha deixado fosse suficiente para a gente se virar.

Minha mãe via tudo como uma despesa futura e uma ameaça, então, começou a fazer cortes. Ela logo pôs a casa dos sonhos do meu pai à venda. Fomos forçados a nos mudar para a cidade, para uma casinha de tijolos em um terreno minúsculo, cercada de casas que eram todas iguais. O lago já era; não tinha mais passeio de barco, pescaria, coleta de caranguejos nem caça pertinho de casa. Fiquei devastado.

Em nossa nova casa, havia luto — todos sentíamos falta do meu pai. Além disso, minha mãe estava assustada, e eu conseguia sentir. Havia medo constante nela. Enquanto outros meninos da minha idade saíam para praticar esportes, caçar e pescar com os pais, eu ficava em casa observando minha mãe recortar cupons de descontos, sempre preocupada com o custo das necessidades básicas e tal. Minha mãe tirava leite de pedras. A mentalidade econômica dela foi parte de tudo que fizemos.

Na época, ela vivia me lembrando de como eu era sortudo e deveria ser grato por tudo que tínhamos. Sempre dizia “Seu pai nos colocou na classe média: nós temos mais que a maioria das pessoas”. Eu vivia ouvindo isso. “Nunca tome nada disso como certo.”

Eu tentava ser grato e dar valor a tudo que tínhamos, mas nunca aceitei muito bem. Tudo me parecia muito ferrado. Eu tinha dez anos, meu pai estava morto, a casa dos sonhos já era, minha mãe vivia com medo, e eu tinha que ser grato? Eu não estava grato, estava putó!

Eu não sabia então, mas essa época semeou em mim o que me moveria na vida. Por mais que amasse, admirasse e valorizasse minha mãe pelo que ela tinha feito, não deixando nos faltar roupas, alimento e um teto, eu não queria viver minha vida em um constante estado de preocupação. Aos 16

anos, prometi à minha mãe: “Quando eu crescer, vou ficar rico para nunca ter que me preocupar com falta de dinheiro. E, quando ficar, vou ajudar um monte de gente. Ser de classe média é uma droga. Eu vou vencer na vida!”

Assim que disse isso, sabia que soava como adolescente indolente, mimado, ingrato, desrespeitoso, rebelde e esnobe. Minha mãe estava com aquela cara que todos os pais fazem quando um filho passa dos limites. Ela estava furiosa, decepcionada e frustrada. Ainda assim, experimentei uma enorme sensação de impotência, sabendo que não podia fazer nada a respeito na época.

Meus chilikques se tornaram cada vez mais comuns. E quanto mais eu os tinha, mais sabia que estava ao mesmo tempo errado e certo. Sabia que tinha que ser grato — tantas pessoas tinham muito menos que a gente. Mas também sabia que havia verdade no que eu pensava. Por que alguém deveria ter dinheiro suficiente só para sobreviver, e ainda ter que se preocupar com isso? Quando as coisas se acalmavam, eu tentava explicar à minha mãe que não era que não desse valor a tudo que ela fez por nós ou que não fosse grato por tudo que tínhamos. A realidade é que eu continuaria tendo essas discussões mentais sobre escassez e dinheiro, avançar/recuar, estar certo/errado por muitos anos ainda.

Toda vez que eu estourava, minha mãe (e, mais tarde, minhas namoradas e amigos) sempre dizia a mesma coisa: “Mas nós estamos tão melhor que outras pessoas.” Nunca entendi essa resposta. Primeiro, o que os outros têm a ver com minha vida? Segundo, sempre que eu me comparava com outras pessoas que tinham mais — pessoas que estavam vivendo de fato —, minha mãe, namoradas e amigos respondiam: “Não se compare aos outros.” Eu estava sempre errado.

Eu vivia repetindo para mim mesmo: *um dia vou ser muito bem-sucedido*. Mas parei de dizer para minha mãe, porque, toda vez, ela se abaixava, me abraçava e dizia: “Por que você simplesmente não consegue ser grato pelo que temos?” Depois, ela começava a falar mais uma vez como cresceu cuidando de cinco irmãos, sem dinheiro e sem saber de onde viria a próxima refeição.

Esse era o ciclo: ela vivia tentando me dissuadir do que eu achava possível e do que queria. Não importava quantas vezes eu tentasse me convencer da lógica da minha mãe, ela nunca fez sentido para mim. Papai se mata de trabalhar, finalmente se dá bem, compra a casa dos sonhos, morre e deixa a família apavorada toda vez que vamos ao mercado porque estamos preocupados com ficar sem dinheiro? Ehr... Não, obrigado.

Em retrospecto, eu era o único que estava conseguindo entender como o mundo funcionava de verdade.

OBCECADO PELAS COISAS ERRADAS

Eu era incapaz de fazer algo para remediar a situação da família naquela época: era jovem, estava frustrado e, francamente, não sabia como. Com muito tempo livre e nenhuma orientação, me ocupei sendo um adolescente problemático.

No ensino médio, eu dava muito trabalho. Era insolente e cheio de opiniões; era bagunceiro na aula e vivia sendo expulso de sala. Some-se a isso o fato de andar com as namoradas dos atletas, então, toda semana me metia em brigas com o time de futebol americano da escola. Em geral, eu causava mais problemas do que minha mãe conseguia lidar.

Quando eu terminei o ensino médio, me meti com a galera errada: bebendo, fumando e experimentando drogas. As drogas se tornaram um problema rotineiro na minha vida. Comecei a fumar maconha aos 16 e, aos 19, estava usando qualquer coisa que aparecesse. Tirando heroína, experimentei de tudo. Desenvolvi um problema sério com drogas.

Acabei indo para a faculdade, porque minha mãe prometeu ao meu pai, antes da morte dele, que seus filhos estudariam. Eu me sentia obrigado a ir, embora não visse sentido naquilo. Desperdicei cinco longos anos na faculdade, nunca prestando atenção às aulas, não aproveitando quase nada, mas, mesmo assim, mantendo notas boas o suficiente para continuar matriculado. Acabei recebendo um diploma em contabilidade, que eu não tinha nenhuma intenção de usar, e com uma dívida estudantil de US\$40 mil.

A coisa estava feia. Aos 23 anos, eu estava uns 11kg abaixo do peso e com uma péssima aparência por causa das drogas. Tinha virado a ovelha negra da família. Apesar das pretensões de ser rico que verbalizava antes, me vi sem nenhuma habilidade, autoestima ou direção. Consegui arranjar um emprego numa revendedora de automóveis, mas era um trabalho sem perspectiva de crescimento para mim.

Até que veio a pancada. Como resultado de andar com as pessoas erradas e ficar obcecado pelas coisas erradas, quase acabei com minha vida. Passei três dias no hospital após levar uma surra e quase morrer de hemorragia em meu apartamento. Precisei levar 75 pontos na cabeça e no rosto. Nem minha mãe me reconhecia. As cicatrizes ainda são visíveis no meu rosto hoje, ao redor dos olhos e da boca.

As pessoas que mais me amavam e acreditavam em mim não tinham ideia de como me ajudar. Nem mesmo apanhar até quase morrer na minha própria casa me fez mudar. Todo dia eu me prometia: “Não vou mais usar drogas”, só para, momentos depois, estar usando as mesmas drogas que prometi não usar mais.

Na verdade, nada mudou nos dois anos seguintes. Continuei me drogando diariamente. Eu odiava tudo em minha vida na época: meu trabalho, o ramo de automóveis, os colegas de trabalho, as pessoas com quem andava, o apartamento em que morava. Eu me odiava também. A única coisa com que me importava ainda era meu cachorro, um doberman de 63kg chamado Capo, que eu já tinha havia seis anos — e até com o Capo eu já estava começando a ser negligente. Virei uma preocupação para todos que me amavam e uma decepção para muitos que queriam acreditar em mim. Estava duro e destruído, financeira, emocional, espiritual e até fisicamente.

No fim de semana do meu 25º aniversário, fui visitar minha mãe na casa dela, não muito longe do apartamento deprimente que eu alugava por US\$275 por mês. Apareci na casa dela chapado, falando enrolado e com a língua inchada por causa de barbitúricos. Minha mãe, exasperada, finalmente me deu um grande ultimato: “Não volte mais aqui até dar um jeito na sua vida.”

Eu sabia que tinha que mudar ou ia morrer sem sequer ter uma chance de provar — para mim ou para ela — que poderia ser alguém na vida.

Quando disse para o dono da revendedora de automóveis que eu precisava conseguir ajuda para o meu problema com drogas, ele falou para me virar sozinho. Foi a primeira vez que eu disse a alguém que não conseguia. Disse a ele: “Se eu conseguisse parar sozinho, teria parado cinco anos atrás.”

Alguns dias depois, com a ajuda de um amigo da família, me internei numa clínica de reabilitação. Estava apavorado e esperançoso.

Vinte e nove dias depois, quando a cobertura do meu seguro de saúde acabou e o centro de tratamento não estava mais recebendo pelo meu tratamento, fui mandado de volta para o mundo que havia deixado. A única coisa boa do tratamento foi que descobri que conseguia ficar 29 dias sem drogas.

Quando estava saindo, o conselheiro que estava encarregado de mim me jogou um balde de água fria. Ele disse: “Você nunca vai conseguir. Você é uma pessoa defeituosa. Tem uma personalidade viciante. Tem uma doença da qual jamais vai se curar. Você não tem poder nem controle sobre sua doença nem sobre sua vida e as chances de não usar drogas de novo são zero. A coisa mais eficaz que você pode fazer com sua vida a esta altura é nunca mais usar. Se você se focar em qualquer outra coisa, vai fracassar. Jogue fora todas as suas ideias grandiosas de dinheiro, fama e sucesso.”

Caramba. Que mensagem motivacional.

Eu tinha dado um grande passo ao procurar ajuda, e, embora o centro de tratamento tivesse me dado a chance de me livrar das drogas, ele não me reabilitou de jeito nenhum, nem cuidou das razões pelas quais eu tinha começado a me drogar. Deixei aquele lugar tão destruído quanto havia entrado. Na verdade, minha incerteza sobre a minha vida e minhas capacidades estavam maiores porque eu não estava mais intoxicado. É isso que eles chamam de “recuperação”? Eu não tinha me recuperado. Também estava vivamente ciente, pela primeira vez, de como eu era frágil.

Quando cruzei a porta de saída do centro de tratamento, fiz um compromisso pessoal de nunca voltar para as drogas — e usar minha “personalidade viciante”, que o conselheiro se esforçou tanto para me convencer de que seria minha derrocada, para reconstruir minha vida.

REACENDENDO MINHA OBSESSÃO **PELO QUE É BOM**

De volta à porcaria do meu apartamento, tendo só meu cão como companhia, me sentei na cozinha com uma folha de papel.

Na reabilitação, faziam a gente escrever muito, mas era tudo sobre o passado, sobre seus estragos e experiências ruins. “Chega disso”, pensei. Eu precisava olhar para o futuro. Precisava parar de me focar em onde estava e começar a olhar para onde queria ir.

Comecei a escrever o que queria fazer da minha vida. Queria deixar minha família orgulhosa de mim. Queria ficar orgulhoso de mim. Queria desesperadamente provar que o conselheiro estava errado. Escrevi que queria desfazer todo o estrago que tinha feito e me tornar um membro respeitável da sociedade. Queria provar para o mundo que eu tinha algum valor. Queria ser bem-sucedido e rico, um empresário respeitado e alguém que poderia ajudar os outros, como tinha dito à minha mãe que faria. As coisas simplesmente começaram a fluir conforme me dei permissão para escrever sobre minha nova vida. Escrevi mais: sobre querer escrever livros um dia, sobre me tornar um grande vendedor. Escrevi até sobre me tornar marido e pai.

Lembrei-me do que tinha dito à minha mãe quando tinha 16 anos, antes de tudo dar errado: “Quando eu crescer, vou ficar rico para nunca ter que me preocupar com falta de dinheiro. E, quando ficar, vou ajudar muitas pessoas.” Naquele momento, percebi que as drogas tinham se tornado um problema para mim não porque estava obcecado por elas, mas porque tinha desistido das coisas pelas quais tinha sido obcecado quando era mais novo, particularmente o sucesso.

Você conhece o velho ditado “Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece”? Quando resisti à minha vontade de alcançar a grandeza e suprimi minha obsessão, a energia foi redirecionada para um comportamento destrutivo. Naquela noite, tomei a decisão de nunca mais lutar contra o desejo de ser bem-sucedido e também de ajudar outras pessoas.

Eu sabia que o primeiro passo para voltar aos trilhos do sucesso era me ajudar. Não poderia começar a ajudar outras pessoas até que minha própria vida estivesse em ordem. Eu tinha que reconstruir minha autocrítica antes de conseguir fazer os outros acreditarem e confiarem em mim. Mas, por onde poderia começar? Eu não tinha amigos. Minha ex-namorada, também viciada, agora estava dormindo com o traficante. Tudo que tinha era o emprego na concessionária.

Embora odiasse o emprego, decidi que me dedicaria 100% às vendas e as usaria como meu ponto de partida. Comprometi-me a aprender tudo que pudesse sobre vendas e o ramo automotivo e a usar meu tempo livre para ajudar os outros a saberem a verdade sobre as drogas e como elas são destrutivas. Resolvi pegar toda minha energia obsessiva e redirecioná-la a reconstruir minha vida do jeito que eu queria.

Fui dormir após escrever o manifesto da minha nova vida, me sentindo inspirado e com clareza de pensamento pela primeira vez em anos.

Apareci no trabalho na manhã seguinte uma hora antes — envergonhado, inibido, com medo do que os outros iam pensar de mim, com pouca autoconfiança e sem saber por onde começar. O dono da loja me recebeu de braços abertos, o que foi ótimo. Percebi depois que ele provavelmente tinha salvado minha vida me dando um lugar para reorganizá-la.

Meu primeiro dia de volta foi embaraçoso, mas bom. Consegui fazer vendas. Fiquei no trabalho até mais tarde que todos os outros funcionários, provavelmente com medo de ir para casa. Tempo livre era uma ameaça para mim, porque eu sabia que, se ficasse entediado ou não tivesse algo produtivo para fazer, corria risco de voltar aos meus velhos hábitos.

Seis meses depois, eu ainda estava limpo e minha dedicação, meu compromisso com meu novo manifesto e minha obsessão de continuar limpo, reconstruir minha vida e criar sucesso para mim estavam compensando. Eu tinha me tornado o melhor vendedor da concessionária. Estava superando todos os caras que trabalhavam lá havia anos, e eles ficavam encafifados com isso, se perguntando qual era o meu “segredo”. Eles achavam que era porque eu não estava mais usando drogas.

Errado! Eu com certeza não conseguiria fazer o que estava fazendo quando estava drogado, mas simplesmente não estar mais usando drogas não era o segredo. Conheci um monte de gente que tinha largado o tratamento e não estava se dando bem na carreira. O segredo era que, em vez de estar obcecado por hábitos horríveis, me permiti ficar obcecado pelo sucesso novamente, com a mesma inocência e energia que tinha quando era um garoto. Em vez de negar minha obsessão pelo sucesso, me dei permissão para acolhê-la.

Estava começando a ter um gostinho de como minha vida poderia ser. Estava ganhando dinheiro pela primeira vez e economizando tudo. Mais importante: pela primeira vez em anos, estava feliz comigo mesmo. Minha autoestima estava voltando e eu estava começando a encontrar minha autoconfiança e crença em mim novamente. Embora ainda estivesse bem longe do sucesso com que tinha sonhado, eu finalmente sabia que estava no caminho certo.

Pela primeira vez, estava fazendo o que disse que faria. Acordava em meu apartamentinho, alimentava meu cachorro e assistia a um vídeo de treinamento em vendas enquanto tomava café da manhã. No caminho para o trabalho, no carro, ouvia fitas de autoaprimoramento e treinamento de vendas com o compromisso de me tornar o melhor dos melhores. No primeiro ano, provavelmente passei 700 horas só me aprimorando como vendedor. Eu chegava uma hora antes de todo mundo e, em muitas noites, ficava até depois das 22h. Quando não estava trabalhando na concessionária, estava ajudando outros viciados.

A cada mês, eu ficava melhor do que no anterior: estava vendendo mais, ganhando mais dinheiro e reconstruindo minha autoestima. E, a cada mês, eu estava um mês mais distante do meu passado.

Os meses se somaram, virando anos e, quando fiz 28 anos, já não era mais o garoto com problemas com drogas. Eu era um vendedor com uma sólida carreira, figurando entre o 1% melhor em toda indústria de automóveis. Estava começando a pensar mais alto também, até considerando ideias grandiosas de um dia me tornar uma lenda das vendas como os caras que eu estudava todos os dias, alguém conhecido mundialmente pelas vendas e que tivesse ensinado milhões de outras pessoas sobre vendas e talvez até escrito livros e programas para ajudar outros vendedores. Eu tinha feito o oposto do que aquele conselheiro havia falado e estava me jogando completamente em minhas novas obsessões. Estava obcecado pelas minhas obsessões e minha vida começava a dar frutos e a criar um futuro consistente com os sonhos que havia tido quando criança.

O sucesso virou minha nova droga. Eu finalmente comecei a entender como fazer minha natureza obsessiva trabalhar a meu favor, e não contra mim. Achei que foi uma grande mudança de mentalidade, então, ficava surpreso e chateado quando as pessoas que acreditavam em mim e trabalhavam comigo reagiam mal à minha nova filosofia. Lembro-me de um amigo me segurando e dizendo: “Você está trocando um vício por outro.” Eu não conseguia acreditar que alguém pudesse comparar o que havia tirado minha vida de mim com o compromisso que eu tinha feito para ter sucesso.

Mas ele não foi o único. Várias pessoas estavam preocupadas. Estavam felizes porque eu não estava usando drogas, mas não entendiam que me recuperar do vício não era o suficiente para mim. Meus colegas diziam: “A vida não é só trabalho.” Até o dono da concessionária dizia: “Acho que você deveria relaxar um pouco e tirar uma folga.” Minha família estava preocupada que eu sofresse um esgotamento e tivesse uma recaída.

Sinto muito, mas não. Cheguei ao fundo do poço — e não ia voltar para lá. Chegar àquele ponto tão baixo em minha vida me deu algo no qual eu poderia tomar impulso, e eu queria chegar o mais distante possível daquela situação. Pensei: se eu tinha conseguido chegar a um ponto tão baixo, a que alturas chegaria se fosse na direção contrária?

Não importava o quanto era perturbador para os outros, foi essa obsessão com o sucesso que tinha me dado uma nova esperança na vida. Eu estava realmente começando a entender seu poder e possibilidades.

OBSESSÃO COMO UM DOM

Em minha vida, ser obcecado pelo sucesso nunca me criou problemas. Negar isso é o que criou. As drogas vieram como uma alternativa em uma época em que eu estava esmagando minhas ideias e sonhos de fazer grandes coisas. Na verdade, toda vez que neguei meu desejo de criar uma vida incrível, me vi sendo seduzido por atividades que me causaram problema.

Quando você aprende a controlar e focar suas obsessões, torna-se uma pessoa poderosa e irrefreável, capaz de realizar todos os seus sonhos. Você pode criar a vida que merece, livre de todas as neuroses e comportamentos destrutivos que muitas vezes são confundidos com o que estou promovendo aqui.

Quando finalmente parei de lutar contra minha mentalidade obsessiva e comecei a alimentar minhas obsessões, tudo mudou para mim. Quando parei de defender, drogar e diminuir minhas obsessões e sonhos com o sucesso, toda minha energia foi renovada. Quando comecei a estudar outras pessoas obsessivas que eram muito bem-sucedidas e parei de buscar os conselhos de quem tinha se contentado com vidas medianas, resultados medianos, dinheiro mediano, tudo mediano, e que nunca ficavam obceçadas com nada além de defender o que é mediano, foi quando comecei a realmente viver.

Quando comecei a assumir o fato de que era obcecado com fantasias pessoais de riqueza e fama indestrutíveis e com o desejo de criar um legado que ultrapassaria meu tempo de vida neste planeta, o mundo pareceu diferente. Parecia que eu tinha ficado mais jovem da noite para o dia, minha criatividade parecia infinita, minha genialidade havia despertado e comecei a atrair outras pessoas mais parecidas comigo. Oportunidades que nunca tinham aparecido para mim começaram a surgir.

A obsessão em si não é um deficit nem uma falha de caráter: é um dom! Da próxima vez que alguém começar a tachar sua obsessão de doença, problema ou aberração, responda: “Não sou afligido, sou dotado.”

Da próxima vez que
alguém começar a tachar
sua obsessão de doença,
problema ou aberração,
responda:

“Não sou afligido,
sou dotado.”

#SejaObcecado

@GrantCardone

Sua obsessão é a ferramenta mais valiosa que você tem para construir a vida que deseja e com a qual sonha.

Infelizmente, a maioria das pessoas nunca descobre com o que elas são obceçadas, porque foram ensinadas a negar suas obsessões. Não se permita ser assim. Encontre algo, qualquer coisa, com que seja obcecado. Não importa o que é neste exato momento, porque você só vai pegar as vontades, o impulso e a fixação com essa coisa e redirecioná-los.

Talvez seja obcecado pelo Cartola FC e dedique muito tempo a isso. Tudo bem. Ou talvez seja obcecado por uma relação que é destrutiva. Beleza. Isso é só para mostrar que você poderia ficar obcecado com outra coisa também. Talvez sua obsessão seja Candy Crush, ou pôquer online, ou jogar xadrez com idosos na rua. Mesmo que seja obcecado por coisas que sabe que não podem produzir algo grandioso em sua vida, não importa agora. O que importa é, primeiro, perceber que você tem a capacidade de ficar obcecado.

Sua obsessão significa que você tem o que é preciso para fazer coisas grandiosas. Sua obsessão pode tirá-lo da cultura do mediano (falarei mais sobre isso no próximo capítulo). Agora, você só precisa canalizar os monstros e redirecionar a energia para algo positivo e construtivo. Não tente sufocar nem reduzir a obsessão. Em vez disso, permita-se utilizá-la e redirecioná-la.

SEM LIMITES

A maioria de vocês que está lendo isto não terá, espero eu, desperdiçado um dia ou um centavo com drogas. Com sorte, não perdeu seu pai quando tinha dez anos. Você não precisa passar por essas experiências para explorar o poder da obsessão.

Para ter o que quer na vida, você precisa se dar permissão para se jogar com tudo em seus sonhos. Deixe claro para os outros que está obcecado e que, embora fosse gostar do apoio deles, podem esquecer a expectativa de que você vai ficar onde está, que vai se satisfazer com menos do que o que sonha ou que vai ser mediano.

Pergunte-se: “Até onde posso ir? Quanto mais posso fazer?” E, o mais importante: “Com o que é que quero ficar completamente obcecado e que vai me levar ao sucesso?”

Ser obcecado não envolve sua escolaridade, seu dinheiro, nem mesmo suas habilidades. Você vai precisar deles em algum momento, mas nada disso importa se não tiver primeiro se dado permissão para ficar obcecado. Tem tudo a ver com seu desejo e vontade de alcançar um objetivo, apesar dos enormes obstáculos.

A obsessão salvou minha vida; mudou minha vida e me deu a vida que tenho hoje. Ela pode fazer o mesmo para você.